

A sagração dos reis portugueses

A *sagração do rei* é uma criação tipicamente medieval, mas, na sua história, importa distinguir, com clareza, vários aspectos.

Antes de mais, o *facto* mesmo do seu aparecimento: quando e onde surgem os primeiros reis sagrados. Depois, a organização do *cerimonial*: elementos estruturais, evolução, diversas tradições e documentos que no-lo transmitiram.

Importa não confundir também o acto estritamente religioso da *sagração*, que é um rito litúrgico, da *coroação* ou *aclamação*, acto político e social, embora num caso ou noutro possam estar juntos, ou mesmo identificados.

Por fim, ter presente que há dois cerimoniais distintos, conquanto semelhantes: a sagração do *rei*, que compete aos bispos do país, a que preside o mais notável, o metropolitano, e a sagração do *imperador*, que pertence, teoricamente, em exclusivo, ao papa.

O objectivo deste trabalho é editar o mais antigo ritual da sagração do rei existente nos códices portugueses: o *Pontifical de Braga do séc. XII* (Porto, Biblioteca Municipal, ms 1134).

Para melhor nos situarmos porém – e situarmos o documento em questão – torna-se indispensável um breve apontamento sobre os diversos pontos acima referidos, tanto mais que é na Península hispânica que surge a nova instituição.

Primeiros testemunhos

De *facto*, o primeiro monarca de que temos notícias seguras de ter sido sagrado é o rei Wamba, da monarquia visigótica, que subiu ao trono em 672. O testemunho vem-nos de S.Julião, bispo de Toledo, então ainda

simples membro do clero. E a maneira como fala permite-nos concluir que já então existia um cerimonial mais ou menos organizado para o efeito, mas não sabemos se antes dele mais algum monarca recebera a unção sagrada ¹.

Sabemos, sim, que a cerimónia tinha lugar na igreja dos Apóstolos Pedro e Paulo, chamada *Pretoriana*, ou seja, a igreja oficial do exército visigodo e da guarda real. Aí foram sagrados, depois de Wamba, os reis Ervigio, em 680; Egica, em 687; e Witiza, em 701.

Por mais estranho que possa parecer, não chegou até nós o *ritual* da sagração, apesar de possuímos o respectivo livro litúrgico, donde necessariamente deveria constar, o *pontifical*.

A razão desta anomalia é, na nossa intuição, simples de explicar. Com a invasão árabe, desapareceu a monarquia visigótica, ficando livre apenas a região das Astúrias. As circunstâncias históricas porém não permitiam solenidades desta natureza. Por outro lado, os manuscritos que chegaram até nós são cópias relativamente recentes (séc.XI) e os copistas consideravam-se dispensados de transcrever um cerimonial, que, na prática, há séculos não era utilizado.

Após a reconquista cristã, os reis – alguns, pelo menos –, retomaram a antiga tradição. Sabemos, por exemplo, que Fernando o Grande foi sagrado a 21 de Junho de 1038 e, antes dele, já Ordonho de Leão, em 914. Mas com a reconquista cristã vem igualmente a mudança de rito e o cerimonial deveria, por certo, ser o da nova liturgia, de origem romano-franca ou romano-germânica, de que mais adiante falaremos.

A dinastia carolíngia

Em França, o primeiro rei sagrado é Pepino o Breve (714-768), filho de Carlos Martel e pai de Carlos Magno, fundador da dinastia carolíngia.

Os factos são bem conhecidos ². Ele dispunha já de plenos poderes na governação do país, faltando-lhe apenas o título de rei, que ambicionava.

¹ M. FÉROTIN, *Liber Ordinum en usage dans l'Église Wisigothique et Mozarabe d'Espagne du cinquième au onzième siècle*, Paris 1904, col. 498 s. Ver também, na mesma obra, a Nota 1 das col. 149-151.

² Para todos os pormenores, excelente exposição de Robert-Henri BAUTIER, *Sacres et couronnements sous les Carolingiens et les premiers Capétiens*, in *Recherches sur l'histoire de la France médiévale*, London, Variorum, 1991, II, 7 s.

Nesse objectivo dirige-se ao Papa Zacarias em 751, pedindo-lhe para dirimir a questão. Este decide a seu favor e encarrega S. Bonifácio de, em nome do episcopado franco e como seu delegado, proceder à sagração do novo rei. O acontecimento teve lugar em fins de 751, não em Reims, mas em Soissons.

É com a sagração do Pepino o Breve que, em nosso entender, começa verdadeiramente a Idade Média. E isto por dois motivos, em conexão com as duas personagens intervenientes: S. Bonifácio e Pepino, o novo rei, ungido como David e os outros reis do Antigo Testamento.

O sagrante, S. Bonifácio, é, sem sombra de dúvida, a mais empolgante e influente figura religiosa da Europa no séc. VIII – só comparável, quatro séculos depois, à de S. Bernardo, no séc. XII ³. Nascido à volta de 680, de origem inglesa – o seu nome é Winfrid – bem cedo entrou como oblato na Abadia de Exeter, onde iniciou os estudos, que depois continuou em Nursling, Winchester. Na altura, o continente europeu estava longe de ser inteiramente cristão. Ali mesmo, em frente à foz do Tamisa, os frísios eram ainda pagãos – e seriam eles, anos mais tarde, a dar-lhe a coroa do martírio. Era esse o seu grande sonho: concluir a evangelização da Europa. E é para a Frísia que parte em 716, com mais três companheiros.

No outono de 719 dirige-se a Roma e é pelo Papa Gregório II investido da missão de concluir a evangelização dos povos germânicos, mudando-lhe o nome de Winfrid para o de Bonifácio. Esteve na Baviera e na Turíngia e regressou à Frísia, que os francos entretanto haviam conquistado. De lá, passou para Hessen.

Sagrado bispo em 722, mas sem qualquer diocese, em dependência directa do Papa, organizou a hierarquia da Baviera e fundou vários mosteiros em todas as regiões conquistadas para o cristianismo.

Estabeleceu em Colónia a metrópole fixa da sua actividade e aceitou mais tarde o arcebispado da Mogúncia. Por fim, voltou ainda mais uma vez à Frísia, onde terminou os seus dias, martirizado por um resto de pagãos, a 5 de Junho de 754. O corpo, por desejo expresso seu, repousa em Fulda.

Com a morte de Bonifácio, a Europa ocidental pode considerar-se praticamente cristã. E este é um acontecimento decisivo para o seu futuro e os seus destinos. A Europa encontra-se agora unida e unificada pelo interior, ou seja, pela mesma fé e pelos mesmos ideais. O que significa, por

³ Consideramos o breve apontamento que se segue indispensável para a compreensão dos acontecimentos que levaram o papa a escolher S. Bonifácio para a sagração do primeiro rei franco, tanto mais que esta grande figura da Europa é, no geral, pouco conhecida.

outras palavras, o reconhecimento e a aceitação do poder espiritual da Igreja, nomeadamente do Papa, nas grandes decisões.

Por seu turno, a sagração de Pepino corresponde à ânsia espiritual da Idade Média, que consiste na sacralização de todos os sectores e actividades da vida, inclusive a ordem política ⁴. O rei é uma pessoa sagrada, que tem por missão defender a Igreja, a justiça, os humildes, a ordem e a paz – uma forma nova de teocracia, inspirada nos reis do Antigo Testamento.

Importa salientar que Pepino o Breve foi de novo sagrado três anos depois, em 754, na basílica de Saint-Denis, junto de Paris, e desta vez pelo Papa Estevão II, que para tal se deslocou pessoalmente a França. Em contrapartida pede a Pepino que o ajude a defender a Santa Sé contra as expoliações dos lombardos ⁵.

Génese do cerimonial

Mau grado o trabalho de grandes sábios ⁶, não temos ainda uma história de conjunto referente à evolução do ritual da sagração dos reis e imperadores. A causa mais premente desta situação é, sem dúvida, a falta de documentos. Assim, não chegaram até nós os rituais dos primeiros reis sagrados. Sabemos todavia, por fontes literárias, que o rito essencial consistia na unção da cabeça com o óleo santo do crisma, em cerimónia estritamente de carácter religioso.

A ideia de semelhante cerimonial partiu do interesse especial da Idade Média pelo Antigo Testamento. Nunca ninguém em Roma se lembrou de semelhante iniciativa. É ao Norte dos Alpes, na liturgia chamada *galicana*, que aparecem as unções quer dos bispos e sacerdotes quer dos reis e imperadores, à imitação do que se fazia em Israel, com a unção de reis, sacerdotes e profetas.

⁴ Ver, a este propósito, Joaquim O. BRAGANÇA, *A Liturgia medieval e o sagrado*, in *O Sagrado e as Culturas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1992, 61-67.

⁵ Sobre esta viagem, ver Pierre JOUNEL, *Les voyages des Papes en France au Moyen Age*, in *Liturgie aux multiples visages*, Roma 1993, 253-287.

⁶ Bibliografia mais importante indicada na Introdução geral à obra de C. VOGEL – R. ELZE, *Le Pontifical Romano-Germanique du dixième siècle*, Tom. III, Introduction générale et Tables, Città del Vaticano 1972, 23-28.

Seja-nos permitido salientar a obra de M. ANDRIEU, *Les “Ordines Romani” du haut Moyen Age*, Tom. IV, Louvain 1956, nomeadamente o estudo do “Ordo XLV”, 437-462.

O primitivo ritual hispânico constava de dois elementos: uma profissão de fé por parte do rei, a fim de governar os súbditos com justiça e compreensão, e a unção da cabeça, acompanhada de uma prece.

Os vários documentos que falam da sagração de Pepino o Breve referem apenas a unção ⁷.

Os *rituais* mais antigos, de que temos conhecimento directo, falam igualmente da unção, mas acrescentam já mais alguns ritos. Assim, o *Ordo coronationis* de Carlos o Calvo, sagrado a 9 de Setembro de 869, refere já a coroação - e daí o título do cerimonial: *Rito de coroação* - e a entrega da *palma* (!) - símbolo de vitória na terra e de glória eterna - e do *ceptro* ⁸.

A coroação de Luís o Gago, celebrada a 8 de Dezembro de 877, além da *infusão* do óleo sagrado, contém ainda a imposição da *coroa* e a entrega do *ceptro* ⁹.

Um século mais tarde, em Mogúncia, na Alemanha, encontramos já um longo e perfeitamente organizado cerimonial de sagração do rei, no chamado *Pontifical Romano-Germânico* do séc.X, de que mais adiante falaremos. Mais ou menos da mesma época - segunda metade do séc.X -, proveniente do Norte da França, conhecemos outro, editado por Ménard, e ainda por estudar, apesar da primeira edição datar já do séc.XVII ¹⁰.

Não falemos sequer dos rituais ingleses ¹¹, que conservaram uma tradição própria e viva até aos nossos dias ¹².

⁷ Ver a documentação exaustiva de R.- H. BAUTIER, *o.c.*, 8-9.

⁸ *Monumenta Germaniae Historica*. Capitularia Regum Francorum. Tom. II. Pars secunda. Hannover 1960, 456-457.

⁹ *Monumenta Germaniae Historica*, Tom. c., 451-462.

¹⁰ Texto reproduzido por MIGNE, *Patrologia Latina*, Tom. LXXVIII, col. 255-261.

¹¹ O primeiro rei inglês de que temos notícias seguras de ter sido sagrado, foi o anglo-saxónico Ecghrith, em 787.

¹² Entre os mais célebres pontificais que guardaram o ritual de sagração do rei, salientemos *The Pontifical of Magdalen College*, editado por H. A. WILSON, M.A., London, Henry Bradshaw Society, 1910, datado do séc.XII.

De particular significado para nós o *Ordo secundum quem rex debet coronari* inserto no *Liber Regie Capelle*, manuscrito CV/1-36/d. da Biblioteca Pública de Évora, recentemente editado por WALTER ULLMANN, na colectânea da Henri Bradschaw Society, Vol. XCII, London 1961. Este livro foi organizado pelo Conde Álvaro Vaz de Almeida para a corte do nosso rei D. Afonso V, nos finais séc. XV. O ritual de sagração está decalcado sobre o *Liber Regalis* da Abadia de Westminster. O problema é de saber se porventura este cerimonial alguma vez teria sido usado na corte portuguesa.

Coroação e sagração

Para completar este apontamento, falta-nos uma breve palavra sobre o vocabulário do cerimonial de “sagração” do rei. Os documentos literários referentes aos primeiros reis desconhecem qualquer palavra técnica para designar o conjunto do cerimonial. Assim, por exemplo, quanto a Pepino o Breve, referem apenas a *unção*: “Peppinus princeps... unctus, rex Francorum constituitur”¹³.

Os primeiros *rituais* conhecidos de Carlos o Calvo e Luís o Gago têm por título: *Ordo coronationis*. Mas importa salientar que, no cerimonial de Carlos o Calvo, ao chegar o momento da *unção*, que compete ao arcebispo de Reims, este gesto tem um título especial: *Benedictio*. E o teor espiritual de toda a acção litúrgica deixa subentender que o fundamento da *coroação* é efectivamente a *unção* sagrada da cabeça. A coroa é apenas o sinal externo da *unção*.

O *Pontifical Romano-Germânico* do séc.X intitula o conjunto do cerimonial: *Ordo ad regem benedicendum*. Na mesma altura o ritual franco editado por Ménard diz: *Ad regem consecrandum sive benedicendum*.

O ritual do nosso manuscrito tem por título: *Ordo benedicendi regem*. Não temos em português um termo específico para exprimir o conjunto de tal cerimonial. Pareceu-nos que a palavra mais adequada - e que por isso, mais frequentemente, utilizamos - será a de *sagração*: “Cerimonial de sagração do rei”. Mas importa salientar que o próprio cerimonial, ao descrever o que se vai passar, logo no início, emprega o verbo *eleva*r ou *exaltar*: “Quando novus rex a clero et populo sublimatur...”. E fala mesmo em *ordenação* - “ille qui ordinandus est” -, mas esta designação deve ser considerada como equívoca e abusiva, uma vez que hoje é exclusivamente usada para os três graus da hierarquia no catolicismo.

O nosso manuscrito

Sendo a *sagração* do rei função própria dos bispos do país, presidida pelo mais proeminente, o *metropolitano*, é no livro próprio do bispo, o *pontifical*, que deve ser procurado o respectivo cerimonial. Há quatro pontificais *manuscritos* conhecidos nas bibliotecas portuguesas, a saber:

¹³ R.- H. BAUTIER, *o.c.*, 8, notas 2 e 4.

- Porto, Bibl. Mun. ms 1134 - Pontifical de Braga, do último quartel do séc.XII ¹⁴.
Ritual da sagração do rei: fol. 130v - 137r.
- Porto, Bibl. Mun. ms 353 - Pontifical de Coimbra, dos fins do séc.XII ¹⁵.
Ritual de sagração do rei: fol. 144v - 121r.
- Lisboa, B.N. cod. alc. 162 - Pontifical de Braga, dos princípios do séc.XIII ¹⁶.
Ritual de sagração do rei: fol. 67v - 69v.
- Lisboa, Torre do Tombo, C.22, E. 9-10, P.7, N° 3 - Pontifical de Lamego, do séc.XIII ¹⁷.
Sem ritual de sagração do rei.

Além destes *pontificais* em sentido estrito, há ainda um códice, do séc. XV, intitulado *Pontifical de Braga*: Braga, Bibl. Pública Mun. ms 870 ¹⁸. Na realidade, trata-se de um livro de luxo, a utilizar pelo arcebispo de Braga quando, nos dias mais solenes do ano, preside na catedral aos actos litúrgicos. Das funções propriamente episcopais só possui dois ritos, mas não o da sagração do rei.

¹⁴ Sobre este códice, Pierre DAVID, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du V^e au XI^e siècle*, Lisboa - Paris, 1947, 539-543; Joaquim O. BRAGANÇA, *Pontifical de Braga do Século XII*, "Didaskalia" VII (1977), 309-398, com a edição dos 40 primeiros fólios.

¹⁵ Pierre DAVID, *o.c.* 543; Joaquim O. BRAGANÇA, *Die "Benedictiones episcopales" des Pontifikale von Coimbra*, in "Ansätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte", 6 Band 1966, Münster Westfalen, 7-27.

¹⁶ Joaquim O. BRAGANÇA, *Um Pontifical de Braga do Século XIII*, in "Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira" IV (1953), 637-645. Outros trabalhos sobre este códice indicados no *Inventário dos Códices Alcobacenses*, VI (Índices), Lisboa 1978, 564-565.

¹⁷ De momento não há qualquer trabalho de fundo publicado sobre este documento. Ver, entretanto, breve apontamento nosso em *L' influence de la Liturgie Languedocienne au Portugal (Missel, Pontifical, Rituel)* in "Cahiers de Fanjeaux", 17, *Liturgie et Musique (IX^e - XIV^e s.)*, Privats Editeurs, Toulouse 1982, 180-181.

¹⁸ Primeiro trabalho sobre este códice, belamente iluminado, António Garcia de VASCONCELOS, *Notas Litúrgico-Bracarense*, in "Acta do Congresso Litúrgico Nacional Romano-Bracarense", Braga 1928, 241-255.

Há uma edição recente fotografada de todo o códice, com uma introdução de Joaquim O. BRAGANÇA, *A música do Pontifical de Braga do Século XV*, na revista de musicologia "Modus", Vol. 2 (1988), 57-68 (Introdução) + 69-230 (Edição).

Como se vê, dos quatro manuscritos, três contêm o cerimonial de sagração do rei: os dois de *Braga* – do séc.XII e do séc.XIII – e o de *Coimbra*. Só não possui este cerimonial o *Pontifical de Lamego*, facto que se compreende perfeitamente, porque esta diocese pertenceu à metrópole de Compostela desde 1194 a 1393, o que exclui, à partida, a hipótese de o bispo de Lamego poder presidir à coroação do rei de Portugal.

Pelo contrário, os pontificais de Braga tinham, por força das circunstâncias, de incluir este ritual, uma vez que Braga foi, até 1393, a única *metrópole* do país ¹⁹.

É o cerimonial da sagração do rei do *Pontifical de Braga do séc.XII* – Porto, ms 1134 – que editamos nas páginas a seguir.

Importa observar que o cerimonial do *Pontifical de Braga do séc. XIII* – Lisboa, cod. alc. 162 – é muito diferente do do séc. XII, representando outra tradição litúrgica. Pelo contrário, o do chamado *Pontifical de Coimbra* é inteiramente igual ao de Braga do séc.XII. Por isso o referimos no aparato crítico, sob a sigla PC. Lamentavelmente este ritual está incompleto, pois faltam fólios no manuscrito. Por outro lado, este pontifical põe problemas quanto à sua utilização. Poder-se-á designar *Pontifical de Coimbra*, na medida em que pertence ao fundo de Santa Cruz de Coimbra e provém de S. Rufo de Avinhão, como todos os livros litúrgicos deste mosteiro. Assim o demonstra a invocação de vários santos nas ladainhas. Mas nada permite concluir que tenha estado ao serviço do bispo de Coimbra. É lícito porém aceitar a hipótese de o protótipo deste códice ter sido trazido de França e ter sido utilizado pelo arcebispo de Braga D. João Peculiar (+ 1175), um dos fundadores do mosteiro de Santa Cruz ²⁰.

O ritual de sagração do *Pontifical de Braga do séc.XII* é não só o mais antigo e completo, como também apresenta dois seguros indícios de ter sido efectivamente utilizado.

Primeiro, o facto de as rubricas deste cerimonial, e só as deste cerimonial em todo o códice, terem sido sublinhadas, por outra mão, com um traço por baixo de todas as linhas de texto. Não vemos qualquer expli-

¹⁹ Só em 1393 erigiu o Papa Bonifácio IX em metrópole a catedral de Lisboa, dando-lhe por sufragâneas as dioceses que o deixaram de ser de Compostela e de Sevilha, como Lamego, Guarda, Évora e Silves (Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Vol. I, Porto 1967, 281).

²⁰ Sobre a acção deste grande arcebispo, ver o excelente trabalho do Prof. Avelino de Jesus da COSTA, *D.João Peculiar co-fundador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra Bispo do Porto e Arcebispo de Braga*, in “Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX. Estudos”, Coimbra 1984, 59-83.

cação para tão inédito facto, a não ser o interesse e cuidado dos responsáveis nos pormenores de execução de tão importante como solene cerimónia.

Em segundo lugar, porque certa mão, posterior à do original, mas que não é possível datar, acrescentou à margem da bênção da espada (fol. 133v) a seguinte anotação, tanto quanto nos foi possível ler: *Hic declarate (?) et scripte (?) orationes ad benedicendum ense*. Na realidade, o texto que se segue não é propriamente uma oração, mas a fórmula ritual da imposição da espada ao rei, onde são explicitadas as funções e responsabilidades do uso da espada. Semelhante anotação indicia a importância dada a este rito por alguém que desconhecemos, mas nele particularmente interessado.

Cerimonial da sagração do rei do ms 1134 do Porto

Para facilitar a leitura do texto latino, que editamos na íntegra, apresentamos a seguir um resumo, com a visão de conjunto, da coroação ou sagração do rei, segundo o nosso manuscrito. Os números entre parêntesis remetem para a numeração marginal da edição.

O cerimonial de sagração do nosso manuscrito inicia-se no palácio real, onde, no dia aprazado – sempre que possível um dia de domingo (19) – se reúnem bispos, restante clero e povo. Logo que o rei se levante e saia dos seus aposentos, um dos bispos pronuncia sobre ele a primeira oração (1). A seguir, dois bispos, um à direita e outro à esquerda, conduzem-no, em solene procissão, à igreja. Este acompanhamento tem já carácter religioso, porque os dois bispos, além de vestes solenes, deverão levar ao peito, pendentes como que de um colar, relíquias sagradas. À frente da procissão vai o livro dos Evangelhos, seguido de cruzeiros e incenso. Cânticos solenizam o cortejo (2).

Clero e povo não entram na igreja, mas aguardam à porta a chegada do príncipe. E antes de entrar, sobre ele pronuncia um dos bispos a segunda oração (3). Segue-se a entrada solene, com os clérigos à frente, cantando a antífona: “Senhor, protegei e defendei o rei” (4). Este é conduzido à capela-mor da catedral e aí pronuncia o metropolitano, sobre ele, mais uma oração (5).

Começa então o grande cerimonial. No meio dos bispos, junto ao altar, deita-se por terra, de bruços e braços abertos em forma de cruz. Alguns bispos acompanham-no no mesmo gesto. Cantam-se as ladainhas, com a invocação de 12 Apóstolos, 12 Mártires, 12 Confessores e 12 Virgens (6).

Terminadas as ladainhas, todos se levantam. É o momento solene do compromisso. O metropolitano interpela o rei: se está na disposição de defender e dirigir todas as igrejas santas de Deus e seus responsáveis, bem como todo o povo que lhe está submetido, de maneira justa e espírito religioso, segundo a tradição dos antepassados. Ao que ele responde afirmativamente. O mesmo bispo fala também ao povo e pergunta-lhe se quer submeter-se a tal príncipe e dirigente. Ao que o povo responde com uma ovação solene, que em português se poderá traduzir: “Sim, sim, viva!” (6) ²¹.

O núcleo central e essencial da cerimónia vem a seguir. Um dos bispos pronuncia uma longa oração (7), onde são referenciadas as grandes personagens do Antigo Testamento, que lhe servirão de modelo de virtudes e norma de conduta. Segue-se outra, do mesmo teor, dita por outro bispo (8). O metropolitano procede então ao rito tradicional das unções. Por mais estranho que possa parecer, o rito primitivo da unção da cabeça não é mencionado ²²; pelo contrário, são ungidas as mãos (9); e, a seguir, o peito, as espáduas e as articulações dos braços (11). As unções são acompanhadas de fórmula ritual e uma oração.

Vem depois a entrega solene das diversas insígnias do rei. Primeiro, a espada, símbolo de todo o reino que lhe é confiado, como diz a rubrica (12) ²³. A seguir, os braceletes (*armillae*), o manto (*pallium*) e o báculo (*baculum*) (13) ²⁴.

O cerimonial é aqui, de certa maneira, interrompido com a chamada *Bênção episcopal* tripartida, a qual em rigor deveria ser dada no fim da missa (13).

Continua depois a entrega das insígnias, com a imposição da coroa na cabeça (14), a entrega do cetro (15) e do anel (16).

Finalmente, o momento solene da entronização. O metropolitano conduz do altar ao seu trono (*solium*) o novo rei, sagrado e coroado (17).

²¹ “Fiat, fiat, amen”.

²² A omissão deste rito deve-se, por certo, ao facto de ser, na altura, a unção da cabeça o rito mais importante na ordenação do bispo.

²³ A rubrica utiliza a palavra *ensis*, de ressonância mais poética, enquanto que a fórmula ritual fala de *gladium*, mais realista.

²⁴ De notar que o nosso cerimonial distingue e prevê a entrega de dois símbolos: o báculo ou bastão (*baculum*) - de peregrino? - e o cetro (*sceptrum*), insígnia real por excelência.

Posição histórica do nosso ritual

Resta-nos uma palavra sobre a posição do nosso manuscrito, no conjunto global da história dos ritos de sagração do rei. O nosso ritual está na linha de evolução do célebre *Pontifical Romano-Germânico* (PRG), que data dos meados do séc. X, e que acabou por se impor, dum modo geral, em todo o Ocidente, por intermédio da liturgia romana. Por outras palavras, poderemos sintetizar dizendo que todas as orações e ritos do nosso manuscrito se encontram no PRG, mas não inversamente. Isto é, o PRG é mais rico, mais longo, mais evoluído.

Tal facto significa duas coisas. Primeiro, o ritual do nosso códice representa um estado de organização mais arcaico, menos evoluído. Por isso, a publicação do nosso ritual significa a publicação de um texto inédito, e deste modo um pequeno contributo para a história da instituição.

A situação geográfica onde devemos colocá-lo em uso é o Sul da França, na antiga província da Aquitânia, mais concretamente Toulouse, donde provém o códice 1134 do Porto, bem como o ms 353 da mesma biblioteca.

A proximidade do nosso ritual com o do PRG prova-se pelo aparato crítico, mas não nos é possível, sob pena de alongarmos demasiado o trabalho, salientar as diferenças, que se manifestam sob múltiplos aspectos, nomeadamente na ordenação e organização de certos ritos.

Siglas

G - Sacramentário Gregoriano - Edição de J. DESHUSSES, *Le Sacramentaire Grégorien*, Fribourg Suisse, Tom. I, 1971 - Indica-se a numeração marginal das peças.

PC - Pontifical de Coimbra - Porto, Bibl. Mun. ms 353 - Indica-se o fôlio.

PRG - Pontifical Romano-Germânico - Edição de C. VOGEL e R. ELZE, *Le Pontifical Romano-Germanique du dixième siècle*, Le Texte, Tom. I, Città del Vaticano 1963 - Indica-se o Capítulo (numeração romana), seguido da numeração marginal, e, entre parêntesis, a página da edição.

Omnia sempiterna deus. qui simul tuum. H. regni fasti-
 gio dignatus es sublimare. tunc quis est. ut ita in
 piena. collata multitudine multorum in comune salu-
 te disponat. quatinus atque unitatis tramite no-
 dat. **P**ostea suscipiant illi duo epi. dexte-
 uaque honorifice parati habentes reliquias in collo pede-
 res. Ceti uero clerici casulis adornati pederet suis euglio
 & crucibus. ac incedo dicant illi ad ecclesiam cantantes. **R.**
 Ecce natus angeli min cu. **V.** Isti sime. Cuncto ei populo
 ad hostium ecclesie subsequere. ibi etiam clerici subleuatur. **Vnq;**
 excepis. sup electi hanc oratione decet.

Deus a seis geni humani nulla sua uirtute pos-
 se subsistere concede. propterea. ut simul tuus. H.
 que populo tuo uoluisti preferri. Ita tuo fulciat ad
 iutorio. quatinus quibus potuit pre se. ualeant. **P**ropter
 merentes autem elici qui pederet. ecclesia. de canter. a. O ne salui
 fac reges. & cetera. **Vnq;** admittit chori. tanta qua introit
 rex chor. Don metropolitani dicat sup cu or.

Omnia deus. celestium terrestriumque moderator.
 qui simul tuum ad regni fastigium dignatus es. p-
 uelhere. concede quis. ut acuminis aduersariis libat.
 & actiastice pacis dono munuat. & ad eum pacis
 gaucha te donante puenit meretur. **E**t dicit

Incipit ordo benedicendi regem

- 1 *Quando nouus rex a clero et populo sublimatur, primum ut exiit¹ ille qui ordinandus est de thalamo, unus episcoporum dicat super eum hanc orationem:*
/Fol. 131/ Omnipotens sempiterne Deus qui famulum tuum N. regni fastigio dignatus es sublimare, tribue quesumus ei, ut ita in presenti collecta multitudine multorum in commune salutem disponat, quatinus a tue ueritatis tramite non recedat. Per.
- 2 *Postea suscipiant illum duo episcopi dextera leuaque honorifice parati, habentes sanctorum reliquias in collo pendentes. Ceteri uero clerici, casulis adornati, precedente sancto euangelio et crucibus ac incenso, ducant illum ad ecclesiam cantantes:*
Resp. Ecce mitto angelum meum, cum
Vers. Israel si me <audieris>.
- 3 *Cuncto eum populo ad hostium ecclesie subsequente, ibi etiam clerus subsistat. Unusque ex episcopis super electum hanc orationem dicat:*
Deus qui scis genus humanum nulla sua uirtute posse subsistere, concede propitius, ut famulus tuus N., quem populo tuo uoluisti preferri, ita tuo fulciatur adiutorio, quatinus quibus potuerit preesse, ualeat et prodesse. Per.
- 4 *Intrantes autem clerici qui precedunt ecclesiam decantent:*
Ant. Domine saluum fac regem. Et cetera. Usque ad introitum chori.
- 5 *Et antea quam introeat rex chorum, domnus metropolitanus dicat super eum orationem:*

1 - PRG LXXII, 1 (246) - PC 114v - G 1273

¹ ut exiit] uexit cod

2 - PRG LXXII, 2 (246-247) - PC 114v

3 - PRG LXXII, 3 (247) - G 1276

4 - PRG LXXII, 4 (247)

5 - PRG LXXII, 5 (247)

Omnipotens Deus, celestium terrestriumque moderator, qui famulum tuum ad regni fastigium dignatus es prouehere, concede quesumus, ut a cunctis aduersitatibus liberatus, et ecclesiastice pacis dono muniatur, et ad eterne pacis gaudia, te donante, peruenire mereatur. Per dominum.

- 6 /Fol. 131v /*Postea designatus princeps pallium deponat atque inter manus episcoporum in chorum perductus, usque ad altaris gradus incedat, cunctoque¹ pauimento tapetibus et pallioliis contexto, ibi humiliter, in modum sancte crucis prostratus², iaceat, una cum episcopis et presbiteris hinc inde prostratis, ceteris in choro letaniam breuiter psallentibus, id est XII apostolos ac totidem martires, totidemque confessores, necnon totidem uirgines, et cetera usque in finem.*

Finita autem letania, erigant se omnes. Subleuatus etiam princeps a duobus episcopis, interrogetur a metropolitano episcopo si sanctas Dei ecclesias ac rectores universos earum, necnon cunctum populum sibi subiectum, iuste et religiose regali prouidencia, iuxta morem patrum suorum, defendere ac regere uelit. Illo autem profitente se in quantum diuino fultus adiutorio ac solatio omnium fidelium suorum ualuerit, ita per omnia fideliter esse acturum.³

Deinde iterum ipse episcopus affatur⁴ populum si tali principi ac rectori se subicere atque iussioni illius obtemperare uelint, iuxta Apostoli dictum: Omnis anima potestatibus sublimioribus subdita sit, et regi quasi precelenti.

Tunc a circumstantibus dicatur: Fiat, fiat, amen.

- 7 *Postea, eo inclinato, unus episcoporum dicat super eum hanc orationem:*

Omnipotens eterne Deus, creator omnium, inperator angelorum, rex regnantium, dominusque dominantium, qui Abraham fidelem famulum tuum de hostibus triumphare fecisti, Moysi et Iosue populo tuo prelati multiplicem uictoriam tribuisti, humilemque Dauid puerum tuum regni fastigio sublimasti, et Salomonem sapientie pacisque ineffabili munere ditasti, respice propitius ad preces humilitatis nostre, et super hunc famulum tuum N. quem sup /fol.132/ plici deuotione in regem eligimus, benedictionum tuarum dona multiplica, eumque dextera tue potentie semper et ubique¹ circumda, quatinus predicti Abrahe fide firmatus, Moysi mansuetudine fretus, Iosue fortitudine monitus, David humilitate exaltatus, Salomonis sapientia decoratus, tibi in omnibus

6 - PRG LXXII, 6-9 (247-249)

¹ unctoque *cod*

² postratus *cod*

³ aucturum *primo ictu; u erassum*

⁴ affetur *cod*

7 - PRG LXXII, 11 (250-251)

¹ ubicumque *primo ictu; cum erassum*

placeat, et per tramitem iustitie inoffenso gressu semper incedat, ecclesiamque tuam deinceps cum plebibus sibi annexis ita enutriet ac doceat, muniat et instruat, contraque omnes uisibiles et inuisibiles hostes eidem potenter regaliterque² tue uirtutis regimen administret,³ et ad uere fidei pacisque concordiam eorum animos, te opitulante, reformet, ut horum populorum debita subiectione fultus, condigno amore⁴ glorificatus, ad paternum decenter solium tua miseratione conscendere mereatur. Tue quoque protectionis galea munitus et scuto insuperabili iugiter protectus, armisque celestibus circumdatus, obtabilis uictorie triumphum feliciter capiat, terroremque sue potentie infidelibus inferat, et pacem tibi militantibus letanter⁵ reportet. Per Dominum nostrum,⁶ qui uirtute crucis tartara destruxit, regnoque diaboli superato ad celos uictor ascendit, in quo omnis /fol. 132v/ potestas regnumque consistit et uictoria. Qui est gloria humilium et uita salusque populorum. Et tecum.⁷

8 *Deinde ab altero episcopo:*

Deus inennarrabilis, auctor mundi, conditor generis humani, gubernator imperii, confirmator regni, qui ex utero fidelis amici tui patriarche nostri Abrahe preelegisti reges seculis profuturos, tu presentem regem hunc cum exercitu suo per intercessionem omnium sanctorum tuorum, ubere benedictione locupleta et in solium regni firma stabilitate connecte. Visita eum sicut Moysen in rubo,¹ Ihesum Naue in prelio, Gedeon in agro, Samuelem in templo, et illa eum benedictione siderea ac sapientie tue rore perfunde, quam beatus David in psalterio, Salomon, filius eius, te remunerante, percepit e celo. Sis ei contra acies inimicorum lorica, in aduersis galea, in prosperis patientia, in protectione clipeus sempiternus, et presta ut gentes illi teneant fidem, proceres sui habeant pacem, diligant karitatem, absterneant se a cupiditate, loquantur iustitiam, custodiant ueritatem. Et ita plebs ista pullulet coalita benedictione eternitatis, ut semper maneant tripudiantes in pace uictores. Quod ipse prestare dignetur, qui tecum.

² regulariterque *prima manu*; *correctum super lineam*

³ aministret *cod*

⁴ honore *add alia manus super lineam*

⁵ lactanter *prima manu*; e *super lineam*

⁶ Iesum Christum filium tuum *add alia manus super lineam, sed contra omnes testes PRG*

⁷ uiuit et regnat *add alia manus*

¹ rubro *primo ictu*; r *erasum*

² abstinaint *cod*

- 9 *Postea unguantur ei manus de oleo sancto, a domno metropolitano, et dicat:*
 /Fol. 133/ Unguantur manus iste de oleo sanctificato unde uncti fuerunt reges et prophete, sicut unxit Samuel Daudid in regem, ut sis benedictus et constitutus rex in regno isto, super populum istum quem Dominus Deus tuus dedit tibi ad regendum ac gubernandum. Quod ipse prestare dignetur. Qui cum Deo Patre.

10 *Alia*

Prospice, omnipotens Deus, serenis obtutibus, hunc gloriosum regem N. et sicut benedixisti Abraham, Ysaac et Iacob, sic illum largis benedictionibus spiritualis gratie cum omni plenitudine tue potentie¹ irrigare atque perfundere digneris. Tribue ei de rore celi et de pinguedine² terre abundantiam frumenti, uini et olei, et omnium frugum opulentiam ex largitate diuini muneris longa per tempora, ut illo regnante sit sanitas corporum in patria, et pax inuiolata sit in regno, et dignitas gloriosa regalis palatii maximo splendore regie potestatis oculis omnium prefulgeat, ut³ luce clarissima coruscare atque splendere quasi splendidissima fulgura, maximo perfusa lumine, uideatur. Tribue ei, quesumus, omnipotens Deus, ut sit fortissimus protector patrie et ecclesiarum consolator atque cenobiorum sanctorum maxima cum pietate regalis munificentie, atque ut sit fortissimus regum, triumphator hostium ad opprimendas rebelles et paganas nationes. Sitque suis inimicis satis terribilis pre ma /fol.133v/ xima fortitudine regalis potentie. Optimatibus quoque atque precelsis, proceribusque suis ac fidelibus sui regni sit munificus, amabilis et pius, ut ab omnibus timeatur atque diligatur. Reges quoque de lumbis eius per successionem temporum futurorum egrediantur regnum hoc regere totum et post gloriosa tempora atque felicia presentis uite gaudia sempiterna in perpetua beatitudine habere mereatur. Quod ipse prestare dignetur.

- 11 *Deinde pectus atque scapule ambeque compages brachiorum ipsius unguantur, et dicat:*

Deus Dei Filius, Iesus Christus Dominus noster, qui a Patre oleo exultationis unctus est pre participibus suis, ipse per presentem sacri unguinis infusionem, Spiritus Paracliti super caput tuum infundat benedictionem, eandemque usque ad interiora cordis tui penetrare faciat, quatinus hoc uisibili et tractabili dono inuisibilia percipere et temporali regno iustis

9 - PRG LXXII, 13 (252-253)

10 - PRG LXXII, 14 (253)

¹ tue potentie] tua potentia *cod*

² pinguedine *cod*

³ in margine, *alia manus*

11 - PRG LXXII, 15 ac 18 (254-255)

moderaminibus exsecuto eternaliter cum eo regnare merearis. Qui solus sine peccato rex regum uiuit et gloriatur cum Deo Patre in unitate.

- 12 *Postea accipiat ense ab episcopis, et cum ense totum regnum sibi fideliter ad regendum, domno metropolitano dicente*¹:

Accipe gladium per manus episcoporum licet in /fol. 134/ dignas, uice tamen et auctoritate sanctorum Apostolorum consecratas, tibi regaliter inpositum nostreque benedictionis officio in defensionem sancte Dei ecclesie diuinitus ordinatum, et esto memor de quo psalmista prophetauit, dicens: Accingere gladio tuo super femur tuum potentissime, ut in hoc per eundem uim equitatis exerceas, molem iniquitatis potenter destruas, et sanctam Dei ecclesiam eiusque fideles propugnes² ac protegas, nec minus sub fide falsos, quam christiani nominis hostes execreris ac destruas, uiduas et orphanos clementer adiuues et defendas, desolata restaures, restaurata conserues, ulciscaris iniusta, confirmes bene³ disposita, quatinus hec in agendo uirtutum triumpho gloriosus iustitieque cultor egregius, cum mundi saluatore, cuius tipum geris in nomine, sine fine merearis regnare. Qui cum Deo Patre.

- 13 *Accinctus uero ense, ab episcopis armillas et pallium baculumque accipiat, domno metropolitano dicente super eum hanc orationem:*

Benedicat tibi Dominus, custodiatque te, et sicut te uoluit super populum suum esse regem, ita in presenti seculo felicem et eterne felicitatis tribuat esse consortem. Amen.

Clerum ac populum, quem sua uoluit opitulatione in tua sanctione congregari, sua dispositione et tua ami /fol. 134v/ nistracione, per diuturna tempora faciat feliciter gubernari. Amen.

Quatinus diuinis monitis parentes, aduersitatibus omnibus carentes, bonis omnibus exuberantes, tuo imperio fideli amore obsequentes et in presenti seculo pacis tranquillitate fruantur et tecum eternorum ciuium consortio perfrui mereantur. Amen. Quod ipse prestare.

- 14 *Tunc solus episcopus metropolitanus coronam capiti eius¹ reuerenter² imponat, dicens:*

12 - PRG LXXII, 19 (255-256)

¹ *Alia manus add. in margine:* Hic declarate (?) et scripture (?) orationes ad benedicendum ense

² *Expunctum ab alia manu et correctum super lineam:*
defendas, sed sine causa

³ *duae litterae erasae inter bene et disposita*

13 - PRG LXXII, 23 (257-258) - PC 115

14 - PRG LXXII, 22 (257) - PC 115v

¹ *Super lineam, alia manus*

² *eius add prima manus, sed expunctum*

Accipe coronam regni, que licet ab indignis episcoporum tamen manibus capiti tuo imponitur, eamque sanctitatis gloriam et honorem et opus fortitudinis expresse significare intelligas, et per hanc te participem nostri ministerii non ignores, ita ut sicut nos in interioribus pastores rectoresque animarum intelligimur, tu quoque in exterioribus uerus Dei cultor strenuusque contra omnes aduersitates ecclesie Christi defensor, regnique tibi a Deo dati et per officium nostre benedictionis in uice Apostolorum et omnium sanctorum tuo regimini commissi utilis executor regnatorque proficius semper apareas, ut inter gloriosos athletas uirtutum gemmis ornatus et premio sempiternae felicitatis coronatus, cum redemptore ac saluatore nostro Iesu Christo, cuius nomen uicemque gestare crederis, sine fine glorieris. Qui uiuit et imperat Deus cum Patre in unitate.

15 *Ad sceptrum*

Accipe uirgam uirtutis atque equitatis /fol.135/qua intelligas mulcere pios et terrere reprobos, errantibus uiam pandere, lapsis manum porrigere, disperdasque superbos et releues humiles, ut aperiat tibi hostium Iesus Christus dominus noster, qui de seipso ait: Ego sum ostium, per me si quis introierit, saluabitur: et ipse qui est clauis Dauid et sceptrum domus Israel, qui aperit et nemo claudit, claudit et nemo aperit. Sitque tibi adiutor, qui educit uinctum de domo carceris sedentem in tenebris et umbra mortis, et in omnibus eum sequi merearis¹, de quo Dauid propheta cecinit: Sedes tua Deus in seculum seculi, uirga equitatis, uirga regni tui. Et imitando ipsum, diligas iustitiam, et odio habeas iniquitatem, quia propterea unxit te Deus, Deus tuus, ad exemplum illius, quem ante secula unxerat oleo exultationis pre participibus suis, Iesum Christum dominum nostrum. Qui uiuit et regnat cum Patre.

16 *Ad anulum dandum*

Accipe regie dignitatis anulum, et per hunc in te katolice fidei cognosce signaculum, quia ut hodie ordinari caput et princeps regni ac populi, ita perseuerabis auctor ac stabilitor¹ christianitatis et fidei christiane, ut felix in opere, locuplex in fide, cum rege regum glorieris per eum² cui est honor et gloria per infinita secula seculorum. Amen.

17 *Regii status designatio*

15 - PRG LXXI, 21 (256-257) - PC 116

¹ maris prima manu; correctum super lineam

16 - PRG LXXII, 20 (256) - PC 116v

¹ stabiliior prima manu; t super lineam ab alia manu

² eum cod

17 - PRG LXXII, 25 (258) - PC 117

Deinde coronatus ab altari ducatur ab episcopis ad /fol.135v/ solium dans eis oscula pacis, dicente sibi metropolitano:

Sta et retine locum quem hucusque paterna successione tenuisti, hereditario iure tibi delegatum per auctoritatem Dei omnipotentis et presentem traditionem nostram, scilicet omnium episcoporum ceterorumque Dei seruorum. Et quanto clerum sacris altaribus propinquiorem perspicias, tanto ei potiore in locis congruis honorem impendere memineris, quatinus mediator Dei et hominum, te mediatorem cleri et plebis, in hoc regni solio confirmet, et in regnum eternum secum faciat regnare Iesus Christus dominus noster, rex regum et dominus dominantium. Qui cum Deo Patre.

- 18 *Cunctus autem clerus de tali rectore exultans, sonantibus campanis, altte concinat ymnum: Te Deum laudamus.*

Hocque finito, domnus metropolitanus missam cum plena processione celebret.

- 19 *Sequitur ordo missarum, si in feria euenerit, sed melius et honorabilius est in die dominica:*

Deus qui miro ordine uniuersa disponis et ineffabiliter gubernas, presta quesumus, ut famulus tuus hec in huius seculi cursu inplenda decernat, unde tibi in perpetuum placere preualeat. Per dominum.

- 20 *Secreta*

Concede, quesumus omnipotens Deus, his salutaribus sacramentis placatus, ut famulus tuus N. ad peragendum regalis dignitatis officium inueniatur semper /fol.136/ idoneus et celesti patrie reddatur semper acceptus. Per Christum.

- 21 *Ad complendum*

Hec Domine salutaris sacrificii perceptio famuli tui peccatorum maculas diluat, et ad regendum secundum tuam uoluntatem populum idoneum illum reddat, ut hoc salutari misterio contra uisibiles et inuisibiles hostes reddatur inuictus, per quod mundus est diuina dispensatione redemptus. Per Dominum.

18 - PRG LXXII, 27 (259) - PC 117

19 - PRG LXXIII, 1 (262) - PC 117 - G 1277

20 - PRG LXXIII, 2 (262) - PC 117v - G 1278

21 - PRG LXXIII, 4 (262) - PC 117v - G 1279

Benedictio regine

/Fol.136/

22 *In ecclesie ingressu, dicatur.*

Omnipotens eterne Deus, fons et origo tocius bonitatis, qui feminei sexus fragilitatem nequaquam reprobando auersaris, sed dignanter comprobando potius eligis, et qui, infirma mundi eligendo, forcia queque decreuisti confundere, quique etiam glorie uirtutisque tue triumphum in manu Iudit femine olim iudaice plebi de hoste seuissimo resignare uoluisti, respice, quesumus, ad preces humilitatis nostre, et super hanc famulam tuam *N.* quam suplici deuotione in reginam eligimus, benedictionum tuarum dona multiplica, eamque dextera tue potentie semper et ubique circunda, ut umbone nominis tui undique extrinsecus¹ et intrinsecus² firmiter protecta, uisibilis seu inuisibilis hostis nequitias triumphaliter expugnare ualeat, et una cum Sara atque Rebecca, Lia et Rachel, beatis reuerendisque feminis, fructu uteri sui fecundari seu gratulari mereatur /fol.136v/ ad decorem tocius regni statumque sancte Dei ecclesie regendum necnon protegendum. Per Christum dominum nostrum, qui ex intemerato beate Marie semper uirginis aluo nasci, uisitare ac renouare dignatus est mundum, qui tecum.

23 *Ante altare benedictio*

Deus qui solus habes immortalitatem, lucemque habitas inaccessibilem, cuius prouidentia in sui dispositione non fallitur, qui fecisti que uentura sunt et uocas ea que non sunt tanquam ea que sunt, qui superbos equo moderamine de principatu deicis atque humiles in sublime dignanter prouehis, ineffabilem misericordiam tuam supplices exoramus, ut sicut Hester reginam, Israhelis causa salutis, de captiuitatis sue compede solutam, ad regis Assueri thalamum regnique sui consortium transire fecisti, ita hanc famulam tuam *N.* humilitatis nostre benedictione, christiane plebis gratia salutis, ad dignam sublimemque regis nostri copulam misericorditer transire concedas et ut in regalis federe coniugii semper manens pudica, proximam uirginitati palmam continere queat, tibi Deo uiuo et uero in omnibus et super omnia iugiter placere desideret, et te inspirante que tibi placita sunt toto corde perficiat. Per dominum.

22 - PRG LXXVIII,1 (267) - PC 118

¹ extrinsecus] *trin super lineam, prima manu*

² et intrinsecus] *super lineam*

23 - PRG LXXVIII, 2 (268) - PC 118v

24 *Ad unguendum eam oleo sancto*

Spiritus Sancti gratiam humilitatis nostre officio in te copiosa descendat, ut sicut manibus nostris indignis mate /fol.137/ riali oleo oblita pinguescis exterius, ita eius inuisibili unguine delibuta, inpinguari merearis interius, eiusque spirituali unctione perfectissime semper inbuta, et illicita declinare tota mente et spernere discas seu ualeas, et utilia tue anime iugiter cogitare, obtare atque operari queas, auxiliante domino nostro Iesu Christo, qui cum Deo Patre et eodem Spiritu Sancto uiuit et regnat Deus, per omnia secula seculorum. Amen.

25 *Ad inponendam coronam*

Officio dignitatis¹ nostre seu congregationis in reginam benedicta, accipe coronam regalis excellentie, que licet ab indignis episcoporum tamen manibus capiti tuo inponitur, unde uelut ²exterius auro et gemmis redimita enites, ita et interius auro sapientie uirtutumque gemmis decorari contendas, quatinus post occasum huius seculi cum prudentibus uirginibus sponso perhenni domino nostro Iesu Christo digne et laudabiliter occurrens, regiam celestis aule merearis ingredi ianuam, auxiliante domino nostro Iesu Christo, qui cum Deo Patre et Spiritu Sancto uiuit et regnat Deus. Per.

JOAQUIM O. BRAGANÇA

24 - PRG LXXVIII, 3 (268) - PC 119v

25 - PRG LXXVIII, 4 (269) - PC 119v

¹ indignitatis *prima manu*; in *erasum*

² uelut] ut *super lineam, prima manu*

